



# PRÁTICAS BIOPOLÍTICAS: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE IMAGENS DE MODA

*BIOPOLITICAL PRACTICES: AN ANALYSIS THROUGH FASHION IMAGES*

**Laura Schemes Prodanov<sup>1</sup>**

(Universidade Feevale)

**Renata Fratton Noronha<sup>2</sup>**

(Universidade Feevale)

**Resumo:** Este artigo tem como temática a influência da biopolítica nos corpos femininos como um dispositivo de regramento, que visa o consumo de produtos de moda através de discursos publicitários. A partir da ideia de que existe um modelo de corpo ideal e a moda, enquanto manifestação cultural, o utiliza como padrão, analisaremos um editorial fotográfico com a modelo Christy Turlington, veiculado na edição brasileira da revista *Vogue Brasil* em 2019, para compreendermos de que forma o conceito de biopolítica de Michel Foucault se relaciona com os corpos femininos nas imagens de moda. Concluímos que a biopolítica constitui normas que regem a sociedade dizendo como as pessoas devem agir e moldar seus corpos, o que gera um descontentamento generalizado em mulheres consideradas “comuns”, pois elas não

**Abstract:** This paper is about the influence of biopolitics on female bodies as a regulation device, which influences fashion through advertising speeches. Based on the idea that there is an ideal body model and fashion, as a cultural expression, uses it as a standard, we will analyze a photo editorial with the model Christy Turlington, published in the Brazilian edition of the magazine *Vogue Brasil* in 2019, to understand how Michel Foucault's concept of biopolitics is related to female bodies in fashion images. We conclude that biopolitics constitutes norms that govern society saying how people should act and shape their bodies, which generates widespread discontent in women considered “ordinary”, as they do not have the body considered perfect and pursue this ideal through aesthetic treatments, plastic surgery and

<sup>1</sup> Universidade Feevale. *E-mail:* lauraprodanov@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Feevale. *E-mail:* renatanoronha@feevale.br

possuem o corpo considerado perfeito e perseguem esse ideal através de tratamentos estéticos, cirurgias plásticas e consumo de produtos de moda que podem aproximá-las deste ideal.

consumption of fashion products that can bring them closer to this ideal.

**Keywords:** Body; Biopolitics; Fashion; Woman.

**Palavras-chave:** Biopolítica; Mulher; Moda; Corpo.

## **Introdução**

Este artigo busca entender como a biopolítica influencia o corpo feminino, tanto o jovem, quanto o velho. Ao compreendê-la como dispositivo que tem por fim impor regras a sociedade acerca de seus corpos – regendo temas como a taxa de natalidade – é possível perceber que ela também pode afetar a moda. Isto seria possível uma vez que o corpo da moda é padronizado, criando uma norma ou, ainda, reforçando o modelo de corpo ideal a ser atingido, ignorando, muitas vezes, fatores culturais. Cria-se, assim, uma visão de corpo que é global. Será também analisado como a moda se utiliza destas normas biopolíticas em seus discursos publicitários. Para tanto, será realizada uma pesquisa bibliográfica e uma análise de editorial fotográfico com a modelo Christy Turlington, veiculado na edição brasileira da revista *Vogue* no mês de outubro de 2019.

## **O conceito de biopolítica**

Pretendemos neste capítulo discorrer sobre alguns conceitos, de onde surgiram e quem foram os criadores desse termo. Mas mais do que isso, buscamos compreender como essa teoria se reflete dentro do universo da moda e da imagem da mulher, e como o setor de moda se utiliza deste conceito.

O conceito de biopolítica foi cunhado por Michel Foucault. Ele diz que:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 1989, p. 82).

Quando evocada, a palavra poder é relacionada quase somente a leis explícitas, porém, o poder sobre os corpos, de maneira implícita, é ainda maior que o das leis e está imbricado em toda sociedade — mesmo que de maneira quase imperceptível. Essa prática começou no século XVIII, e foi essa estratégia que possibilitou, pela primeira vez, que o biológico ingressasse no registro da política.

Ainda de acordo com Foucault, a biopolítica serve para designar o que faz com que a vida possa entrar no domínio de cálculos e que transforma o saber e o poder em um agente de transformação da vida humana. Ou seja, quem possui conhecimento e poder sobre os outros, domina a vida humana de forma geral, pois ele tem poder de criar novas leis e regras que atingem o viver, fazendo assim com que a vida do indivíduo possa vir a ser calculada de maneira calculista e objetiva. Por isso, o poder de morte é complementar ao poder sobre a vida, procurando “administrá-la, aumentá-la, exercer sobre ela controles precisos e regulações gerais” (FOUCAULT, 1978, p. 165).

Dessa forma, no tempo em que vivemos são predominantes os exercícios de biopoder, se dizendo uma prática positiva incidindo sobre a vida, tornando os corpos como alvo e investindo conforme a ordem moral, política ou social, sendo que são os valores capitalistas que regem esse tipo de pensamento e ação.

Já, segundo Papart, Chastonay e Froidevaux (1999), a saúde possui atualmente pleno direito de mercado, e mais, se tornou objeto privilegiado de consumo. Ou seja, é algo desejável, fazendo com que a biopolítica não tenha que impor suas normas a força, pois elas já estão tão enraizadas socialmente que o próprio ser humano entende o acesso a elas como privilégio.

Tal forma de poder se construiu sobre a questão dos ‘degenerados’, ou seja, sob as populações ou raças consideradas perigosas, entendendo que não poderiam se reproduzir e, conseqüentemente, ter relações sexuais e casar, afim de não proliferar o seu gene problemático, conforme a visão dos corpos. Para isso foram escritos três documentos nos séculos XIX e XX: Anais de Higiene, Medicina Legal e Médico-Psicológicos. Dentro deles foram publicados longos relatos sobre esses indivíduos considerados um perigo para a sociedade, através da reconstrução da genealogia dessa degeneração (BEAUSSART, 1912).

Segundo Morel: "O degenerado, não é somente incapaz de formar uma cadeia de transmissibilidade que leve ao progresso da humanidade, ele é um obstáculo para o progresso por ter um contato direto com a parte saudável da população". (MOREL, 1857, p.6)

Foucault (1999) diz que a partir deste conceito de degeneração e da consequente tentativa de controle de natalidade faz surgir um tipo de racismo diferente do qual a sociedade estava acostumada: "Um racismo contra o anormal, contra sujeitos que eram portadores de um estigma, de um defeito qualquer" (FOUCAULT, 1999, p. 299). Estas ideias são ligadas a pensamentos como purificação da raça e correção do sistema instintivo dos homens.

No final do século XIX, Dally (1881) em seu texto "As degenerações" ajuda a forjar uma visão de normalidade dos corpos, ou seja, faz crer que existem corpos normais e anormais.

O entendimento do que é o anormal é bastante parecido com o conceito dos degenerados e, portanto, o conceito do corpo normal é intimamente ligado a biopolítica. Fica entendido que o corpo saudável é o normal, o correto, e que o anormal deve ser tratado.

Este tipo de pensamento lembra as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial pelas mãos dos nazistas, que se consideravam o normal, correto, e todos que não tivessem o padrão, seja psicológico ou físico, que eles entendiam como correto, deveria ser eliminado. É claro que esse conceito apresenta uma tomada de atitude bastante radical, e talvez por isso que hoje em dia o conceito de biopolítica pode ser melhor lido nas entrelinhas, de maneira mais sutil, sem tanto radicalismos. Porém ele continua lá, aplicando suas forças a diversas questões.

### **A biopolítica e o corpo feminino**

Retomamos o conceito de normatização do corpo que, a partir de um padrão urbano e ocidental, fundamentado pela sociedade capitalista, vemos constituir-se como aquele considerado normal. A partir da ideia de Morel sobre a degeneração, foi criado um novo modo de se pensar as doenças, não apenas as físicas como também as mentais. Os delírios e as alucinações aliados a um conjunto de comportamentos e até mesmo de características físicas foram considerados desvios

patológicos da normalidade. Já as doenças ligadas à histeria e instabilidade eram consideradas femininas (ROHDEN, 2009), ou seja, a mulher que apresentava esses sintomas era considerada anormal: precisava ser tratada, medicada, para 'curar' esse problema. Nesta perspectiva o corpo da mulher se tornou um *locus* do exercício dos micropoderes, que investem, modelam e constroem o gênero (SWAIN, 2000). Para isso, foram criadas representações do que era ser homem e o que era ser mulher, para que cada um pudesse se enquadrar nestes papéis socialmente aceitos.

Mathieu (2009) relaciona essa diferenciação dos gêneros nas sociedades humanas se manifestando em duas áreas: na divisão sociossexual do trabalho e do trabalho de procriação. O assunto de procriação gerou também outras discussões e, para Foucault (1999), é necessário para a manutenção do poder do Estado analisar a população a partir de alguns dados, como taxa de natalidade, idade do casamento e frequência das políticas de contracepção.

Tal construção do gênero, juntamente com o conceito de normatização do corpo, passou a ditar também o que era certo e errado na vida da mulher no que se refere a questões de beleza. Foi a partir do conceito do corpo normal, saudável, que o corpo da mulher envelhecida passou a ser considerado errado, pois não possuía os sinais de juventude e, conseqüentemente, de saúde e vitalidade.

Segundo Monteiro (2008), estes códigos estão tão bem estruturados que acabam por normalizar a ideia de que é correto a mulher mais velha sentir inveja da mais nova, por exemplo. Esses códigos, muitas vezes dissipados por ideias como conto de fadas, propagandas e programas de televisão, instigam a mulher a estar sempre bonita e jovem, a fim de conquistar um marido – ou um 'príncipe'.

Ainda para Monteiro, existe um código cultural de beleza que afirma que a mulher bonita está associada à juventude. Se ela já for velha, ainda assim poderá ser considerada jovem se utilizar os artefatos corretos. O que o autor chama de códigos, também pode ser entendido como construção social.

Segundo Debert (1994), encontram-se abordagens popularizadas pela sociologia que consideram qualquer aspecto da vida social, inclusive o envelhecimento, como uma construção social. A autora ainda diz que a capacidade dos corpos de operar é mediada pela cultura, pois ela é escrita sobre os corpos, e

nós precisamos examinar os modos particulares de como isso acontece em diferentes sociedades (DEBERT, 1994).

Os corpos de referência de beleza que temos hoje surgiram através da indústria do cinema de Hollywood, ao longo do século XX. Essa indústria difundia o modelo de “beleza correta”, e as mulheres passaram a não medir mais esforços para obter os mesmos métodos de embelezamento das atrizes. Isso desencadeou uma busca desesperada por cirurgias plásticas e tratamentos estéticos, tudo na busca pelo estereótipo do corpo belo. Frota e Menezes (2012, p.14), dizem que “além de serem o alvo preferencial da indústria da beleza, as mulheres são mais expostas aos critérios de ‘eterna juventude’ tão em voga”. Os mesmos autores ainda afirmam que: Além da exigência de boa aparência ditada, dentre outras coisas, pela moda, a dinâmica do efêmero descarta qualquer possibilidade de beleza no velho. O novo é visto como o melhor, que está sempre na frente, com recursos mais avançados e modernos (FROTA; MENEZES, 2012, p. 12).

É por causa desta eterna valorização do novo que a mulher que envelhece se tornou o alvo mais vulnerável: tudo começa na meia idade, quando as condições da menopausa as tornam ainda mais frágeis por causa do envelhecimento físico que as mulheres passam (MORI; COELHO, 2004). Os autores dizem que a mulher que se encontra no processo de envelhecimento conceitua sua própria imagem diante do espelho como algo negativo. Esta visão denuncia sob o ponto de vista estético, relacionando a funcionalidade do corpo e o significado social que cada cultura tem sobre essa fase da vida.

Segundo Lima e Bueno (2009), para uma mudança positiva nesse panorama deve-se promover formas de valorização do processo de envelhecimento que não sejam uma imitação dos valores que se almeja para a juventude, numa constante tentativa de tentar jovializar a terceira idade. Isso faz com que acabem sendo negados os direitos das pessoas de serem como elas são, sem que tenham que assumir uma identidade que não lhes é própria, negando-se a si mesmas somente para serem aceitas socialmente.

A mulher acaba se tornando o alvo mais fértil para cobranças sociais pela eterna juventude, beleza e um corpo sexuado e desejável. Ao se redefinir e contextualizar a velhice sem ter que “travesti-la” de juventude para ser socialmente

aceita, estamos oferecendo a essas mulheres a oportunidade para que redescubram a possibilidade de viverem em harmonia com a idade que tem.

### **O corpo feminino nas imagens de moda**

A normatização dos corpos ajuda a forjar uma cultura que leva as pessoas a entenderem certas formas de comportamento como corretas, o que leva também a uma generalização.

Essa generalização também pode ser encontrada dentro de diversas esferas do universo da moda, como na publicidade e, muitas vezes, nos produtos em si. É sabido que até hoje não existe no Brasil uma tabela de tamanhos de roupas, fazendo assim, com que cada marca fique livre para seguir seu próprio padrão. Tal fato, além de gerar grande confusão, corrobora para uma livre adaptação dos padrões considerados 'normais' sob o ponto de vista do mundo globalizado, não levando em conta, muitas vezes, aspectos culturais.

A partir dos anos 90, as equações que visavam definir as medidas médias foram formuladas com base em estudos que se propuseram a ser generalizáveis a variadas populações. A generalização destes dados estatísticos reforça a tendência à mundialização desta referência única de tamanho, esquecendo-se da diversidade cultural (POLLOCK; WILMORE, 1993). Essa mundialização de um modelo de beleza, baseado no modelo de corpo ideal americano, é comum no mundo inteiro (LE BRETON, 2011). Esse padrão fala de "uma mulher loira, magra, com um padrão de beleza e sedução" (Ibidem, p.178). A medicina do esporte e alguns ramos da educação física contribuem para o uso desse conceito chamado de "modelo de referência" (MACARDLE et all 1986), que nada mais é do que o corpo considerado perfeito em determinada cultura, ou ainda em um mundo globalizado.

Esse fato se torna mais forte perante a força que a publicidade possui. Segundo Le Breton (2011, p.179), o marketing incita as mulheres a lutarem contra o envelhecimento do corpo e do rosto, e "as revistas femininas atuam como uma forma de difusão do marketing a propósito do corpo da mulher". Esse marketing, muitas vezes difundidos em revistas, mas que também possui presença maçante em televisão, cinema, etc. contribui para banalizar e naturalizar esses modelos padrões considerados ideais, já que as propagandas e matérias de conteúdo aconselham

sobre cirurgia plástica, produtos de beleza e outras diversas formas de reforçar o atrativo de si. Segundo Monteiro:

Nas capas de revistas de moda só existem fotografias de mulheres jovens. Estas revistas, de modo geral, são destinadas a um público de mulheres mais velhas, porque são elas (faixa de idade entre 35 e 50 anos) que possuem maior poder aquisitivo para adquirir os produtos anunciados dentro da revista (MONTEIRO, 2008, p.67).

E como para as mulheres, principalmente as brasileiras, “o corpo é um capital, o único capital” (LE BRETON, 2011, p.178), o que se observa é a aceitação desses imperativos sobre seu corpo e seu modo de viver.

### **Christy Turlington em imagens para Vogue Brasil**

Quando inserida no discurso publicitário, as narrativas da moda se dão através de imagens fotográficas. Tais imagens se tornam um espaço interessante para se verificar as permanências e alternâncias da biopolítica, em especial relacionada ao corpo das mulheres.

Susan Sontag estabelece uma abordagem que leva a pensar na fotografia como uma construção, sem deixar de lado seus atributos de poder. A autora observa que “uma foto não é apenas semelhante ao seu tema, uma homenagem ao seu tema. Ela é uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele” (2011, p.72).

A historiadora Maria do Carmo Rainho propõe tomar a fotografia de moda como “um enunciado que informa e conforma uma determinada visão de mundo, mas sobretudo como mediação, como algo que se realiza nas e pelas relações sociais entre diferentes agentes, e que, dessa maneira, produz sentido” (2014, p.50). Para Rainho, é importante que esta análise seja intertextual, uma vez que tais imagens costumam ser acompanhadas por textos e legendas e ainda se relacionam a outras imagens. Também é importante a possibilidade de se agrupar as imagens em séries para que assim se evidenciem temas, enfoques recorrentes e também aquilo que é omitido ou não mencionado.

De forma a compreender a biopolítica relacionada ao corpo das mulheres – em especial do corpo que envelhece – e sua construção nos discursos da moda,

tomamos como objeto de análise as imagens da modelo Christy Turlington na edição brasileira da revista Vogue do mês de outubro de 2019. Como lembra o editor Pedro Sales, Turlington começou sua carreira no final dos anos 1980, como musa da marca americana Calvin Klein e, na década seguinte, se tornou uma “super modelo”.

Com fotografia de Luigi e Iango, a edição da revista contou com três edições de capa, todas enfatizando o rosto da modelo sob a legenda “O tempo não para, Christy Turlington prova que idade é só um número e celebra a maturidade positiva sem tabus”.

Na única imagem colorida (figura 1), Turlington aparece usando um chapéu de couro – ao estilo de Marlon Brando no filme “O Selvagem” (1953). As demais imagens são em preto e branco. Em uma delas segura o rosto com uma das mãos e com a outra toca os lábios, seus cabelos parecem estar presos por uma faixa, fazendo pensar em Brigitte Bardot em “O desprezo”, de 1963 (figura 2). Na outra, a modelo aparece com os cabelos presos em um coque, no alto da cabeça e com uma roupa de gola alta, que parece emoldurar seu rosto (figura 3).



Figura 1  
Capa da revista Vogue  
Brasil, outubro de 2019.



Figura 2  
Capa da revista Vogue  
Brasil, outubro de 2019.



Figura 3  
Capa da revista Vogue  
Brasil, outubro de 2019.

No editorial fotográfico “Menos é mais”, Turlington ilustra doze páginas, em um total de dez fotografias em preto e branco e é apresentada com a seguinte legenda: “Christy Turlington, supermodelo original da década de 90, marcada pelo

minimalismo da Calvin Klein, prova que o look total de couro preto é a escolha certa para o guarda-roupa urbano perfeito”.

O conjunto de imagens, além de evidenciar as referidas peças em couro, mostram as pernas de Turlington, vestidas por meias arrastão, seus braços, colo e seios, conforme destacamos a seguir através de quatro imagens da série veiculada na revista. Em todas as fotografias, a modelo tem os cabelos presos, usa poucos acessórios e a maquiagem é sem excessos, com olhos marcados, recursos que buscam destacar os traços de seu rosto, uma vez que, considerado representativo de uma beleza clássica, foi escolhido para ser também o rosto das bonecas no Metropolitan Museum.

Na primeira imagem, a modelo veste uma jaqueta de couro e tem a cabeça coberta por um capuz. Parece esconder a nudez com a mão em frente ao corpo, segurando a jaqueta. Veste meia calça arrastão e botas pesadas, ao estilo cowboy (figura 4). Na imagem seguinte, a roupa escolhida foi um vestido de decote baixo e alças finas, a modelo é fotografada de perfil com os braços abertos e as mãos tocando o pescoço. A fenda do vestido, mais uma vez, evidencia a meia arrastão (figura 5).



Figuras 4 e 5

A modelo Christy Turlington em editorial fotográfico para a Revista Vogue. Luigi e Iango, 2019.

A imagem que ocupa página dupla mostra Turlington deitada, com uma das mãos na cabeça e encarando a câmera; o zíper aberto do macacão deixa seus seios em evidência. A última imagem da série traz a modelo vestindo jaqueta e calça de couro (figura 6). A jaqueta aberta deixa o corpo da modelo à mostra; a bota ao estilo cowboy se repete (figura 7).



Figura 6

A modelo Christy Turlington em editorial fotográfico para a Revista Vogue Brasil. Luigi e Iango, 2019.



Figura 7

A modelo Christy Turlington em editorial fotográfico para a Revista Vogue Brasil. Luigi e Iango, 2019.

Na sequência do editorial fotográfico, a modelo é apresentada por Vivian Sotocórno como "Supermulher, uma das modelos mais importantes do mundo aos 20 anos, Christy Turlington Burns se reinventou aos 40 ao fundar a organização Every

Mother Counts. Hoje, com 50, é exemplo de uma vida em equilíbrio e longe de nostalgias” (p. 180-183). As páginas de texto são acompanhadas de duas fotografias – que parecem uma continuação do editorial fotográfico – onde, mais uma vez, o rosto de Turlington fica em evidência.

Apesar de retomar a trajetória, a experiência da maternidade e o projeto social que busca melhorar o acesso das mulheres, especialmente gestantes, ao serviço de saúde, o texto traz em destaque a seguinte fala da modelo: “Quanto mais velha eu fico, mais entendo as minhas prioridades. Vai ficando claro onde devo gastar meus dias, recursos e minhas emoções”. À jornalista, Turlington revela não usar maquiagem, não ter uma rotina de beleza e que “foi muito legal ver que os últimos trabalhos dos quais participei tiveram pouquíssimos retoques”. Mesmo que a intenção da edição seja celebrar a beleza da modelo aos 50 anos – e dos dizeres “maturidade sem tabu”, na legenda da capa.

A relação “Christy Turlington super modelo” é constantemente retomada, rememorando seu corpo jovem e, até mesmo, o papel de ícone da história da moda recente. A possibilidade, nas imagens escolhidas para a capa da edição, de aproximar a modelo de outros ícones que ganharam visibilidade ao expressar um conceito de juventude construído pelo cinema – Marlon Brando e Brigitte Bardot – reforçam essa associação. Ainda: a escolha de roupas em couro preto para o editorial de moda, sob a justificativa do “guarda-roupa urbano perfeito” acaba por retomar tanto o surgimento da moda jovem assim como os das culturas e subculturas urbanas – igualmente ligadas à juventude.

Conforme Andrade, no período pós-guerra o consumo se direcionou às camadas médias e jovens – tanto europeus quanto americanos –, mesmo os de origem operária, passaram a desfrutar de uma nova condição social. Neste cenário, para a autora:

O espírito jovem contrário à padronização do produzido em série é apropriado pela moda. O anseio das “contravozes” que bradavam por sua identidade seria saciado pela criatividade na oferta dos produtos. Para essa geração que encontrava no vestir uma maneira de se expressar, a escolha de usar uma peça fora dos padrões não queria dizer, necessariamente, uma busca de isolamento. Ao contrário, estar excluído dos padrões dominantes reforçava a ideia de que os jovens buscavam reconhecimento em seus pares (2009, p.110).

Este sentimento está presente em filmes como “Rebelde sem causa” (1947), estrelado por James Dean e “O Selvagem” (1953), com Marlon Brando no papel principal. Em ambas as obras o que se observa é que a roupa dos protagonistas busca expressar este anseio de identidade, sugerido por Andrade, fazendo uso de roupas até então restritas ao universo de trabalho, como o jeans e a camiseta branca. A jaqueta de couro de Brando, que interpretava um motoqueiro, tornou-se um emblema da moda da época – associada aos jovens, às ruas, ou seja, que não depende das passarelas.

Já as meias arrastão, apesar de surgidas no século XIX, associaram-se na década de 1950 à imagem das *pin ups* e, nos anos de 1980, voltou à moda ajudando a compor o visual da cantora Madonna, presente ainda no figurino do filme “Procura-se Susan Desesperadamente” (1985) (NÈRET, 2008).

Se a única imagem onde Christy Turlington aparece com os cabelos soltos – e escolhida para ser uma das capas da edição da revista – faz pensar em Brigitte Bardot, mais uma vez reforça uma imagem jovem e sensual, construída no passado – tempo que a fotografia em preto e branco ajuda a reforçar. Ainda, no caso de Bardot, soma-se a ideia da mulher que, ao se tornar reclusa, não envelheceu na frente do seu público, sendo rememorada por seu corpo de bailarina, o comportamento livre e os inúmeros casamentos.

Desta forma, apesar de se propor, logo na capa, a uma abordagem onde “a idade é só mais um número”, a revista Vogue acaba celebrando Christy Turlington muito mais por sua capacidade de não envelhecer – ou não aparentar o envelhecimento – do que propõe uma abordagem acerca do corpo feminino envelhecido.

### **Considerações finais**

Então, por fim, podemos entender que a biopolítica constitui normas que regem a sociedade e seus corpos, dizendo como que as pessoas devem agir, e principalmente como elas devem ser fisicamente. A mulher é o gênero que mais sofre com essa questão que lhes é imposta, pois essas normas visam obter controle também do corpo da mulher, as dizendo o que é esperado por elas, qual o corpo correto que se deve ter. Já a mulher envelhecida sofre duplo preconceito, pois além

de mulher, também apresenta sinais de envelhecimento, que as dizem que devem ser apagados, a fim de continuar com o corpo jovem e sadio, o considerado ideal.

A moda se utiliza dessas regras sociais para vender mais e cria dispositivos, através de propagandas, afirmando não só o corpo que seria o ideal feminino, mas também quais são as melhores atitudes a serem tomadas pelas mulheres. Isso é facilmente notado através das imagens aqui analisadas, que procuram em corpos jovens e magros a representação esperada pelas grifes. Mas não só isso, demonstra que mesmo quando a publicação de tais imagens parece querer romper o padrão imposto, de corpos femininos magros e jovens, as imagens, juntamente com o texto, acabam novamente reafirmando os valores sob os quais vivemos atualmente. A chamada de capa, citada aqui anteriormente, se mostrou descolada do resto da matéria, já que dentro da revista não foi mais citado nada sobre "maturidade positiva sem tabus", pelo contrário, as imagens reforçam que para o corpo da mulher merecer lugar de destaque em uma importante publicação, ele deve continuar seguindo tais padrões, mesmo quando a mulher já possui mais de 50 anos.

Isso acaba gerando um descontentamento generalizado em mulheres consideradas comuns, não modelos, pois elas não possuem aquele corpo que lhes é mostrado como o perfeito, e faz, assim, com que persigam esse ideal através de tratamentos estéticos, cirurgias plásticas e, também, gerando um maior consumo de moda. Foi possível, por fim, obter maior entendimento sobre como a biopolítica gere o corpo feminino, e a moda ajuda a impor esses conceitos a sociedade.

### **Referências**

ANDRADE, Máira Zimmermann de. A moda invade as ruas: consumo jovem nos anos 1960. **Revista d'Obras**. v. 3, n. 7, 2009.

BEAUSSART, M. Epilepsie et Dégénérescence mentale. **Annales d'hygiène publique et de médecine legal**, Paris: Bailliére, n. 17, p. 59-63, 1912.

BUENO, C. M. L. B.; LIMA L. C. V. Envelhecimento e gênero: a vulnerabilidade de idosas no Brasil. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 273-280, mai./ago. 2009.

DALLY, M. Dès dégénérescences. **Annales médico-psicologiques**, Paris: Masson, n. 6, p. 283-286, 1881.

DEBERT, Guita Grin (org.) **Antropologia e velhice**. Campinas – IFCH/Unicamp, 1994.

FASSIN, D. Biopolitique. In: LECOURT, D. (org.). **Dictionnaire de la pensée medicale**. Paris: PUF, 2003. p. 176-179.

FOUCAULT, M. **Les Anormaux**. Paris: Seuil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sexualidad**. México: Siglo XXI, v. 1, 1978.

GOMES MENEZES, Kelly M. Y FROTA, Maria Helena (2012) "Corpos velhos e a beleza do crepúsculo: um estudo sobre os (re) significados da corporeidade na velhice". **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad – RELACES**, N 9, ano 4. Agosto-noviembre de 2012. Córdoba. p. 7-16.

LE BRETON, David. Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte. **RBSE** 10 (28): 176-184, abril de 2011.

MATHIEU, Nicole Claude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, Helena et al. Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: UNESP. 2009.

McARDLE, W.; KATCH, F.; KATCH, V. **Fisiologia do exercício**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **A beleza do corpo na dinâmica do envelhecer**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2008.

MOREL, B.A. **Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives**. Paris: Bailliére, 1857.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, n. 17, v. 2, p. 177-187, 2004.

NÈRET. Gilles. **1000 Dessous, a history of lingerie**. Paris: Ed. Taschen, 2008.

PAPART; CHASTONAY; FROIDEVAUX. La sauté sauvage. **Le monde diplomatique**, Paris, mars, 1999.

POLLOCK, M.; WILMORE, J. **Exercícios na saúde e na doença**. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica, 1993.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Moda e revolução nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2014.

ROHDEN, Fabíola. **Uma Ciência da Diferença: Sexo e Gênero na Medicina da Mulher**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

SALLES, Pedro. Menos é mais. **Vogue**. São Paulo, n.494, p. 168-179, out. 2019.

SOTOCÓRNO, Vivian. **Vogue**. São Paulo, n.494, p. 180-183, out. 2019.

SONTANG, Susan. **Sobre a Fotografia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

SWAIN, Tânia Navarro. Quem Tem Medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. **Castelo. Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000.

**Recebido em:** 28/09/2020

**Aprovado em:** 21/01/2021